

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA NAS NARRATIVAS DE VIAJANTES NO TEXTO *PARAÍSO DE UM NATURALISTA* DE JOHN HEMMING

Estefany France Cunha da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as narrativas sobre a região amazônica dos viajantes naturalistas Wallace, Humboldt, Spruce e Waterton sobre a fauna, flora e sujeitos amazônicos do século XIX mencionadas por John Hemming em seu texto *Paraíso de um naturalista*. Além de discutir no campo da linguagem a dualidade das narrativas onde a região e seu povo são representados pelos extremos do vazio e cheio, magnífico e medonho, paradisíaco e infernal. Essa leitura de um passado se faz necessária pela possibilidade da criação de novos imaginários em um presente, além de repensar as cristalizações manifestadas nos pensamentos de um hoje gerados no ontem. As narrativas foram selecionadas pelo sentido contraditório percebido em seus conteúdos e analisadas pelo prisma das categorias de racialização, amazonialismo e linguagem abordadas por Souza (2017), Albuquerque (2016), Williams (1979) e outros. Com a análise das narrativas, tornou-se evidente que a natureza foi posicionada acima dos sujeitos, refletindo uma hierarquia que permeava as descrições dos naturalistas. Para além disso, os viajantes estavam predispostos a confirmar suas ideias preconcebidas durante suas jornadas, moldando suas percepções e interpretações para alinhar-se com suas concepções prévias.

PALAVRAS-CHAVE: Viajantes. Amazonialismo. Racialização. Amazônia.

REPRESENTATIONS OF THE AMAZON IN TRAVELERS' NARRATIVES IN THE TEXT *PARADISE OF A NATURALIST* BY JOHN HEMMING

ABSTRACT

This essay aims to analyze the narratives about the Amazon region by naturalist travelers Wallace, Humboldt, Spruce and Waterton about the fauna, flora and Amazonian people of the 19th century mentioned by John Hemming in his text *Naturalists in Paradise: Wallace, Bates and Spruce in the Amazon*. In addition to discussing in the field of language the duality of narratives where the region and its people are represented by the extremes of empty and full, magnificent and hideous, paradisiacal and hellish. This reading of the past is necessary due to the possibility of creating new imaginaries in the present, in addition to rethinking the crystallizations manifested in today's thoughts generated in yesterday. The narratives were selected based on the contradictory meaning present in their content and analyzed through the prism of the categories of racialization, Amazonianism and language addressed by Souza (2017), Albuquerque (2016), Williams (1979) and others. With the analysis of the narratives, it became evident that nature was positioned above the subjects, reflecting a hierarchy that permeated the naturalists' descriptions. Furthermore, travelers were predisposed to confirm their preconceived ideas during their journeys, shaping their perceptions and interpretations to align with their preconceptions.

KEYWORDS: Travelers. Amazonialism. Racialization. Amazon.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Possui graduação (2016) em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Acre. Atua como professora de Língua Inglesa pela Secretária do Estado de Educação, Cultura e Esporte - SEE Acre. E-mail: estefany.france@sou.ufac.br.

1. INTRODUÇÃO

Bates, Spruce, Wallace, Spix, Martius, Waterton são alguns dos muitos viajantes que a partir do século XIX desenvolveram pesquisas sobre a Amazônia. Esses pesquisadores adentraram à região pelas cidades de Belém, Manaus, Tarapoto e muitas outras, algumas ainda nem nomeadas nas épocas de seus trânsitos. O objetivo central das pesquisas desenvolvidas por eles envolvia a coleta de espécies da flora e fauna amazônica para estudos científicos e a comercialização.

As inúmeras coleções de animais e plantas, no decorrer das viagens, não foram as únicas coisas levadas por eles da região amazônica, pois as relações desenvolvidas entre as comunidades por onde passaram também deixou aos viajantes conclusões e leituras sobre o espaço chamado Amazônia. Assim, as narrativas registradas nos diários e documentos desses viajantes descrevendo, narrando e relatando espaços, pessoas e vivências também fazem parte de suas pesquisas.

A partir disso, o objetivo desse estudo é analisar as narrativas de viajantes no texto *O paraíso de um naturalista*, de John Hemming, inserido na obra *Árvores de rios: a história da Amazônia*, do mesmo autor. As narrativas presentes no escrito são de diversos viajantes, com rotas de viagens e vivências distintas. Neste estudo procuro analisar recortes das narrativas utilizadas por Hemming (2011), entretanto, não é de meu interesse copiar as análises do autor da obra sobre as narrativas dos viajantes. Pelo contrário, procuro incluir as análises de Hemming também como embasamento teórico para a pesquisa.

Neste estudo, entendo a linguagem como uma construção cultural, linguística e social, que parte do princípio de construção e desconstrução contínua e não-linear, onde o produto sempre é também produção. Dessa forma, todas as construções discursivas são produtoras culturais, e destacam-se em si conceitos, pensamentos, verdades e não-verdades construídas por uma comunidade em um determinado tempo. Seguindo as palavras de Raymond Williams (1979), a linguagem é uma persistência de criação e recriação que segue um processo constante de regeneração. Por isso, escrever nesse caso, discutir sobre narrativas do passado, é recriá-las no hoje. Assim, enxergo os escritos de viajantes do século XIX com os olhos de hoje que podem não ser os de amanhã.

Na discussão estão presentes as obras *Amazônia: as vozes do rio* de Ana Pizarro (2012), *Amazonalismo* de Gerson Albuquerque (2016), *Seringalidade* de João Souza (2017) e *Introdução a uma poética da diversidade* de Édouard Glissant (2005). Pizarro (2012) foi essencial para pensar os discursos criados por viajantes e as narrativas de “fora” da Amazônia; Albuquerque (2016) em *Amazonalismo* para refletir sobre as diferentes nuances dessa categoria dentre as narrativas dos viajantes; Souza para

pensar as questões envoltas na categoria de racialização; Édouard Glissant para pensar as relações culturais e identitárias.

Os viajantes naturalistas que se ocuparam em transitar pelos rios e terras da região amazônica a partir do século XIX eram em sua maioria europeus, botânicos e pesquisadores. Em suas narrativas evidenciam um olhar sobre a Amazônia fundamentado em um “imaginário moderno” (Pizarro, 2012, p. 38), em que as gentes, os animais, as condições climáticas, as relações, as doenças e a natureza são julgadas e construídas discursivamente a partir desse ponto de vista. Assim, não são raras as falas cheias de hipérboles e metáforas, seja para demonstrar a grandeza estética da natureza ou a abominação tida pelo contato com os animais.

A Amazônia, além de um território geográfico, é também objeto de inspiração de imaginários diversos. Encarada por viajantes e conquistadores como um lugar cheio de mistérios pronto para ser explorado e dominado. Apesar da grande vontade de conhecer, explorar, coletar e escrever sobre a Amazônia, os viajantes ora se decepcionavam com o território e os seus habitantes, enquanto outros veneravam a natureza e as novas espécies encontradas na fauna e flora. Ao mesmo tempo odiavam as doenças que assolavam as matas. Assim, a depender dos interesses e objetivos a Amazônia poderia ser El Dorado ou Inferno Verde.

Narrar é intrínseco ao ser humano pois criar é não apenas uma expressão do indivíduo, mas também uma necessidade, ato que transforma o ser humano em narrador e narração. Ou seja, cada vez em que se narra algum evento também está se narrando, ou poeticamente dizendo, está existindo. O homem histórico não existe sem a linguagem ou sem o poder de narrar a si e aos outros, dado que existir apenas não basta para ser lembrado (Williams, 1979).

As narrativas criadas sobre a Amazônia são os traços mais gerais de sua história (Pizzaro, 2012). Os trabalhos e discussões feitos sobre as narrativas de viajantes, conquistadores, intelectuais, brasileiros ou não, são de grande relevância as discussões que perduram até os dias de hoje sobre a região e tudo e todos que nela habitam.

Neste trabalho as narrativas escolhidas para análise estão incluídas nas categorias de falas de viajantes construídas externas à Amazônia, mesmo que grafadas após a visita desses sujeitos ao território. O entendimento do “externo” aqui seria para além da experiência geográfica, pois entendendo que todo discurso é ideológico (Williams, 1979), esses sujeitos, por vezes, narraram a Amazônia através de uma lógica ideológica em que havia sobreposição de humanidades entre suas condições de origem e as que eles encontraram no território amazônico.

Albuquerque (2016) trabalha o conceito de amazonialismo como uma forma de caracterizar essas ações conjuntas de narrativas de viajantes que costumam inventar, descrever, classificar e analisar de forma objetiva e científica a Amazônia, tendo como consequência o apagamento e silenciamento de línguas, costumes e memórias. O trabalho de homogeneizar buscava a inserção da Amazônia na lógica de mercado, em que as definições vazias e diretas pudessem servir para criar lógicas e histórias convenientes aos impérios.

A essencialização no território Amazônico foi muito difundida pelos viajantes, e não por acaso. Nesse processo as identidades são resumidas a uma forma homogênea de tratamento. Pensamento, costumes, tradições e povos passam a ser definidos como “selvagens”, “cachaceiros” e “não-civilizados”, partindo disso a história acaba se tornando universal (Albuquerque, 2016). Enquanto universal, há “necessidade” em dominar, já que o outro não é “desenvolvido” o suficiente para lidar com os recursos que seu território oferece em diversos aspectos.

2. O PARAÍSO DE NATURALISTAS: OS ANIMAIS, AS GENTES E A NATUREZA

As representações da natureza são em grande medida deslumbrantes, com descrição em exaltação aos animais e plantas, inclusive comparando negativamente o ser humano com a floresta. É enorme o contentamento de estar entre os animais e em uma terra tão fértil que se encarrega de cultivar de forma solitária uma mata tão verde. Já os seres humanos são dispensáveis, não há incômodo em vê-los de tempos em tempos, pois não fazem falta alguma. Segundo Humboldt, citado por Hemming (2011):

Em um mês de viagem perto do Cassiquiare², Humboldt não viu seres humanos exceto nas proximidades de duas missões franciscanas. Ele estava impressionado com a majestade da natureza e a insignificância de sua raça. Nas “margens desabitadas do Cassiquiare, cobertas de florestas, sem memórias dos tempos passados [...] pode-se quase [...] considerar os homens como não essenciais para a ordem da natureza. A terra está repleta de plantas, e nada impede o seu livre desenvolvimento [...] Jacarés e jiboias são senhores do rio; a onça, a queixada, a anta e os macacos atravessam a floresta sem medo e sem perigo [...] como em uma antiga herdade [...] Aqui, em uma terra fértil, adornada com eterno verdor, procuramos em vão vestígios do poder do homem (Hemming, 2011, p. 170).

Na narrativa de Humboldt os homens são “quase insignificantes”, porém o “quase” segue em sua narrativa lembrando que mesmo que pareça não necessário, é sim. Inclusive, seguem em suas

² O canal do Cassiquiare é um canal natural e bifurcação fluvial com 326 km de comprimento que integra as bacias do rio Orinoco e do rio Amazonas. A formação geográfica se desenvolve entre a margem esquerda do rio Orinoco, na Venezuela, e a margem direita do rio Negro, afluente do rio Amazonas, na fronteira entre a Venezuela e a Colômbia.

grandiosas afirmações sobre a floresta e os animais uma certeza de que aquele lugar não tem lembranças, é livre de passados, e nesse ponto pode ser entendido porque se faz “quase” (advérbio que demonstra proximidade). A ordem da natureza é “próxima” de não precisar da intervenção do homem, porém, o “próximo”, “perto”, “quase” não significam alcançar o “ideal”. E nesse caso, a proximidade de um lugar, a floresta tão elogiada é esplendorosamente verde e frutífera sozinha, mas não é suficiente, já que o homem ali é necessário para construir no/o local.

Ao entender as narrativas de Humboldt como exemplo de narrativas que criam

[...] em específicos contextos históricos e atendendo aos projetos/visões e comprometer-se de seus tempos, mulheres e homens foram nomeando e definindo os “contornos reais” do que compreendiam ser ou queriam que fosse o “grande rio” com um conjunto de significantes que não brotou das águas, nem das terras e florestas ou das estações chuvosas, mas da secular experiência daqueles que o nomearam, narraram, classificaram, enfim, daqueles que lhe grafaram e concederam a existência [...] (Albuquerque, 2016, p. 79)

As lacunas inseridas nas narrativas como uma forma de falta são um convite a outros ou a si mesmo, no caso do viajante, como narrador da história da Amazônia, pois apenas por existir ela não é suficiente, ou ao narrar existe até um esquecimento/apagamento dos povos que ali residem, por isso, o local sem memórias. Os significantes de vazio inseridos pelo viajante são caros quando pensamos em um local raso, onde “quase” implora por um conquistador, colonizador, viajante. A categoria de vazio trabalhada por Albuquerque (2016) sobre Euclides da Cunha pode ser ressaltada neste ponto, pois as tessituras dos rasos, vazios e faltas é uma construção discursiva não neutra com intuito de cristalizar os termos e imaginários na história como se não fossem fruto de diversas práticas históricas e políticas.

Os termos dados, inclusive o termo “Amazônia”, são criados e cristalizados ao decorrer dos tempos para uma significação coletiva e social, para que assim a conformidade seja instaurada sobre cada construção e mantenha-se sem uma ressignificação dessas narrativas. Os resquícios de cada narrativa aqui trabalhada, de certa forma, ainda pairam sobre os imaginários de algumas pessoas, instituições e mídias. E analisar as narrativas de viajantes é um exercício de (re)construção de um passado.

A natureza é narrada de forma a manter uma dualidade perceptível. As narrações de momentos agradáveis que envolvem o leitor a um lugar belo e paradisíaco ressaltando as árvores com suas folhagens, cipós e formatos extravagantes são abruptamente colocados em contraste com os incômodos dos animais ali presentes. Assim comenta Hemming (2011, p. 170) ao citar Humboldt:

Em um lugar, “dormimos em uma floresta de palmeiras. Chovia violentamente, mas aráceas trepadeiras, aningas e cipós formavam uma treliça natural tão espessa que ficamos abrigados como sob uma abóbada de folhagem. Os índios, cujas redes estavam armadas na beira do rio, entrelaçaram as helicônias e outra musáceas do modo a formar uma espécie de telhado sobre eles. Nossas fogueiras iluminavam, a uns 15 a 18 metros de altura, as palmeiras, os cipós carregados de flores, e as colunas de fumaça branca, que subiam em linha reta em direção ao céu. O conjunto oferecia um espetáculo magnífico; mas” Humboldt arruinou a cena – “para apreciá-lo plenamente, o ar que respirávamos deveria estar livre de insetos”.

Nessa fala de Humboldt, Hemming (2011) comenta sobre a expectativa que o viajante cria no leitor prosseguida da ruptura de cenários. Pois novamente narra que o lugar em que estava era magnífico, ou quase, porque não tinha como apreciar devidamente por conta dos insetos. Retomando o tom de dualidade na narração, é magnífico e ruim, ótimo e péssimo, cheio de coisa, mas vazio. “Os animais de pequeno e médio porte do ambiente florestal são bichos mostrados como selvagens e, portanto, perigosos; micro-organismos e insetos são apontados como incômodos e às vezes classificados como pragas” (Silva, 2020, p. 96), logo, os animais, quando incomodando, são usados como contraste nas narrativas para enfatizar as mazelas vividas mesmo em meio a paisagens deslumbrantes.

As narrativas dos viajantes continuaram a ser escritas para além de seus diários de bolso, pois, aqui Hemming (2011, p. 180) comenta os escritos feitos ao passo que os estudiosos já haviam regressados a Europa

Tanto Bates quanto Wallace confrontaram a exuberância da natureza amazônica com as limitações de seus habitantes. Wallace estava perplexo com o fato de Belém, com apenas quinze mil habitantes, ser a maior cidade de uma província do tamanho da Europa ocidental. As pessoas eram geralmente amistosas com os jovens estrangeiros, mas nenhuma delas parecia curiosa sobre a verdadeira caça do tesouro natural que viviam. De volta à Inglaterra, ele achava sua vida intelectual “incomparavelmente superior [...] à esterilidade de uma semisselvagem, muito embora esta se passe no jardim do éden [...] na América do Sul equatorial, onde três raças distintas de homens vivem juntas”.

Nessa ocasião, as vivências na Amazônia são comparadas às atividades exercidas em seus países de origem. Segundo as citações de Hemming (2011), Wallace compara a Amazônia ao jardim do Éden, ao paraíso dos cristãos, e mesmo assim, prefere a vida na Europa, em tom “incomparavelmente superior”, e isso ele atribui em grande parte às comunidades que ocupam a região. O viajante fica frustrado e surpreso com a inexistente curiosidade dos “sujeitos amazônicos” em relação ao lugar em que viviam, pois ele, um viajante vindo de tão longe, era um dos poucos a enxergar o que realmente importava ali. A “desimportância” dada às riquezas naturais pelos habitantes chocava o europeu por

diversos motivos, mas principalmente porque, como afirmado por Humboldt nas citações de Hemming (2011), a floresta em que ele visitou era sem memória. Obviamente, a flora e fauna não teriam como ter a memória possível para o ato de narrar ao viajante, então, nesse sentido, quem não teria memória ou humanidade o suficiente para entender a importância, estabelecida pelos viajantes, do território amazônico, são os povos originários, e não o contrário.

Pensando essas condições quase insalubres em que Wallace coloca que os sujeitos amazônicos vivem por serem “semis selvagens”, Pizarro (2012, p. 21) menciona:

[...] chegamos a um ponto em que as gerações futuras correm risco, o universo amazônico, pelas características especiais de sua formação, permite sonhar com uma “civilização” construída de outro modo, ou, pelo menos, a partir de uma maior integração com a natureza. São todas estas interlocuções do homem com o mundo, nas relações expressas pelos imaginários, nas linguagens reveladas pelo mundo simbólico, que projetam esta área cultural como uma configuração especial, com traços bastante peculiares dentro do conjunto latino-americano.

Segundo a autora, o pensamento cristalizado do vazio e selvagem no universo amazônico pode ser desmitificado através dessa ebulição de relações existentes na Amazônia. Homem e natureza não se dissociam, assim como os imaginários fazem parte do material. Quanto antes as nuances culturais vividas forem protegidas e construídas podemos criar um modo de “civilização”.

Ao citar Bates, Hemming (2011) nos coloca aqui os receios do viajante sobre não entender as narrativas de outros viajantes após sua viagem na Amazônia:

Quando Bates pôs os pés no Pará, estava quase desapontado com o fato de ter sido tão agradável. Ele escreveu a um amigo: “Onde estão os perigos e horrores dos trópicos? Não encontrei nenhum deles”. Como Charles Waterton, ele queria desfazer fantasias sobre selvas tenebrosas. Quando deixou a Amazônia, onze anos mais tarde, escreveu: “Dei uma última olhada na magnífica floresta pela qual eu tinha tanto amor, e a cuja exploração dedicara tantos anos [...] [É] uma região que pode ser apropriadamente chamada de paraíso de um naturalista [...] Eu estava saindo de um país de eterno verão, onde passara a vida [...] à moda cigana, em infinito córregos ou nas ilimitadas florestas (Hemming, 2011, p. 180).

A “quase” frustração de Bates se dá em certa esfera pelo imaginário anteriormente criado por ele entre seus estudos e leituras. Ao ressaltar a frase “estava quase desapontado com o fato de ter sido tão agradável” e incorporando as palavras de Pizarro (2012), o viajante busca encontrar o que já havia sido fantasiado, temido e fabulado sobre o lugar chamado Amazônia, então, independente do que achar, ele foi se reencontrar com seus pensamentos preconcebidos, sejam estes baseados em imaginários homogêneos, racializadores ou amazonialistas. Partindo desse pensamento, é fácil acreditar que as narrativas são em certa medida a materialização “científica” dos pensamentos e preconceitos

dos viajantes, já que, após as viagens as leituras sobre o espaço e sujeitos foram registradas dessa forma em que analiso.

Já que a representação de cada um remete a um tipo de cultura, as reflexões culturais das criações discursivas criam imaginários, e são criadas a partir deles. Segundo Glissant (2005), o desafio a ser enfrentado pelos escritores e poetas é a conciliação da escrita do mito e a escrita do conto, para assim ultrapassar a exaltação de um e a inferiorização do outro. Transformar os imaginários é o caminho sugerido pelo autor, e para fazer isso, a mudança na literatura das discussões do “ser” para o “sendo” é central, ou seja, tratar o indivíduo e tudo por ele produzido como algo em constante processo de mudança.

O autor sugere que presenciar as relações mundiais como redes de interseção de identidades e trajetos que se cruzam a todo momento é aceitar a totalidade-mundo. Viver a totalidade-mundo do lugar onde se habita é a forma de se entender parte do todo e ser agente de mudança das exclusões vividas e propagadas. A forma levantada como solução para a amplificação de repertório cultural e entendimento do diferente como componente indispensável da totalidade são os rastros/resíduos. Os rastros/resíduos são tudo aquilo que cada indivíduo traz em si, e que o compõe enquanto sendo social construtor e construção de relações identitárias (Glissant, 2005). Nesse caso, entender os encontros e interseções do mundo é uma forma de romper com as narrativas redutoras, silenciadoras e preconceituosas.

3. AS GENTES: CHOQUES E TRÂNSITOS ENTRE VIAJANTES E INDÍGENAS

A partir das situações apresentadas nas narrativas de Spruce e Waterton e citadas por Hemming (2011), me proponho a discutir todas pelo ponto de vista da racialização. Souza (2017) discute em seu trabalho a racialização dos povos indígenas e seringueiros no território acreano, porém, creio que a categoria usada por ele também pode ser usada para discutir as narrativas destacadas abaixo. A racialização é uma forma de inferiorização do outro por meio de sua raça, cor e etnia.

Ao passo que na racialização há sempre um indivíduo inferiorizado, não pode ser esquecido que por trás de toda repressão há uma estrutura, e no caso do ato de racializar a estrutura colonial é quem mantém essas relações (Souza, 2017). Nesse caso, as trocas sociais e culturais estabelecidas pelos viajantes ilustram de certa forma um pouco das relações políticas vigentes na época. Hemming (2011) narra o momento de quase expulsão de Waterton do território brasileiro, quando o inglês se encontrava acamado por conta da malária:

O forte brasileiro de São Joaquim, no alto rio Branco, pretendia expulsar todos os estrangeiros. Mas seu comandante, quando viu a condição de Waterton, disse que “as ordens que recebi, proibindo a admissão de estrangeiros, não foram, jamais, concebidas para serem executadas contra um cavalheiro inglês doente”. Assim, ele convidou o viajante para entrar no forte e cuidou dele até sua recuperação (Hemming, 2011, p. 174).

Mesmo com a ordem de expulsão de todos os estrangeiros, o chefe da segurança, ao saber da nacionalidade do viajante o mantém no território brasileiro, inclusive, cuidando dele até sua recuperação. O tratamento dado ao viajante inglês é também uma expressão diferente da racialização: para o europeu o tratamento é intermediado por um oficial militar que se dedica a ajudá-lo, ou seja, sua cor também lhe garante certos olhos e olhares.

A descrição dos indígenas se assemelha à descrição dos elementos presentes na fauna e flora amazônica. Ora são exaltados, com ar de aproximação e deslumbre, ora repulsa a selvageria. O contraste na narrativa fica reservado ao final do parágrafo, já que sua conclusão é voltada a homogeneização também presente na racialização.

Tudo o que lhes diz respeito é simples; mas nada é repulsivo. Eles andam nus; mas nunca usam roupas frívolas, sujas ou esfarrapadas. Seus corpos estão sempre limpos [...] Eles não conhecem o importante princípio da propriedade. Não há ladrões ou assassinos entre eles, nem envenenadores, trapaceiros ou gatunos – nenhum dos males morais que afligem os homens civilizados (Hemming, 2011, p. 178).

Waterton narra as vestimentas dos indígenas, ou a falta delas, sem se aterrorizar, ao contrário, fala sobre a higiene. Entretanto, ao falar das relações sociais entre os indígenas, ele ressalta a falta de violência e a inexistência do conceito de roubo à propriedade, um mal que assola a sociedade capitalista. Nesse sentido, a falta de práticas reprováveis na sociedade “civilizada” coloca os indígenas em posição de não civilizados, selvagens, não culturais. Essa contradição é produto da racialização, já que o ato de roubar é um desvio da disciplina na sociedade moderna e o fim seria algo positivo. Apesar disso, os indígenas continuam sendo seres “semiselvagens” nessa narrativa, pois tudo que seja produto e produção linguística e cultural das relações desses povos são, inevitavelmente, colocados como não civilizados, não pensantes, não responsáveis por suas ações, mesmo que seja algo, teoricamente, positivo.

Já sobre as relações de Spruce com homens e mulheres na sua jornada pela Amazônia, vale ressaltar dois momentos. No primeiro, estava adoentado com malária e contrata uma enfermeira para ajudá-lo, já no segundo, o viajante fala sobre os homens que procura contratar para trabalhar com ele. Na primeira citação retirada em Hemming (2011), Spruce escreve:

Um amigo arranhou-lhe uma enfermeira. Ela provou ser uma harpia mal-intencionada, uma mestiça venezuelana “chamada Carmen Reja – não vou esquecer facilmente essa mulher”. Quando irritada, “seu rosto vestia uma carranca que era quase demoníaca”. Entre alucinações e vômitos, Spruce podia ouvir Reja e outros discutindo como dividir seus pertences. “Entre outras coisas, ela gritava: “Morra, seu cão inglês, para que possamos ter uma feliz noite de vigília com seus dólares”. Mas Spruce não morreu. Um comerciante português levou-o de volta ao rio Negro, ainda em uma maca e miseravelmente fraco (Hemming, 2011, p. 190).

Aqui Hemming escreve sobre Spruce e sobre a relação dele com os indígenas que contratava para trabalhar

Spruce contratava somente genuínos índios “sem sela” [isto é, nus; não civilizados], pois estava convencido de que aqueles que usavam camisas tinham sido corrompidos por aspirações sociais: “o mínimo vestígio de sangue branco nas veias de um índio aumenta em 10 vezes sua insolência e insubordinação” (Hemming, 2011, p. 203).

Nesse momento, há a narração de um baile em que Spruce participa como convidado de honra, e ele levaria a juíza daquela comunidade a ser seu par na dança. Ele vai ao evento e narra a situação:

Depois de muitas folias preliminares, Spruce foi convidado a abrir o baile com a glamorosa juíza. Ele percebeu que “eu seria considerado muito orgulhoso se me recusasse. Então, eu a levei para fora, tirando primeiro meu casaco e os sapatos [para ficar como] os outros participantes. Completamos a dança triunfalmente e, no encerramento, houve um viva geral e palmas para o ‘bom homem branco que não despreza os costumes de outros povos!’. Uma vez que se eu estava ‘ali para isso’, dancei a noite toda” (Hemming, 2011, p. 204).

Nas narrativas de Spruce a enfermeira ladra e o “índio puro” são dois sujeitos que acabam por alimentar os pensamentos racializadores dele. Para um momento de cuidado foi necessário contratar alguém mestiça, não pura, e essa pessoa acabou agindo de má fé, inclusive o desejando à morte. Essa mulher mestiça acaba confirmando suas afirmações prévias sobre a necessidade de contratar sempre “índios puros” por serem “totalmente selvagens”, e não se tornarem insolentes enquanto subordinados.

Ao falar de racialização dos indígenas, Souza (2017, p. 144) aponta as condições impostas pela colonização desses povos (genocídio, escravidão, exploração, catequização) como resquícios que influíram para racializar. A racialização como consequência do sistema de colonização, em que os essencialismos dos povos são incontestáveis, colocam os indígenas não puros como uma “característica de inferioridade naturalizada”.

A busca de Spruce, e muitos outros, pela pureza, apenas pela facilidade de dominar esses sujeitos ilustra o olhar que coloca os povos originários em posição constantemente inferior, subalternizada e racializada. Sobre essa miscigenação vista de forma negativa pelos viajantes citados

anteriormente, incorporo as palavras de Glissant (2005) partindo de uma discussão sobre o Caribe, considerado por ele como a porta de entrada da criouliização³.

A teoria proposta destaca que a formação da Neo-América teve início por meio dos desembarques de escravizados vítimas do tráfico da África, os quais foram dispersos por diversos continentes. O autor argumenta que esse deslocamento migratório é crucial para entender o surgimento da Neo-América, uma entidade distintiva em relação à Meso-América e à Euro-América. A Neo-América emerge a partir do processo de criouliização, marcando-se pela singularidade de sua formação. Diferentemente das outras Américas, cujos migrantes tinham objetivos exploratórios e fundacionais, a Neo-América se diferencia ainda mais ao não sofrer repressões culturais ou linguísticas impostas aos seus habitantes. Essa perspectiva oferece uma compreensão mais abrangente da diversidade de trajetórias históricas que moldaram as Américas, destacando a contribuição única da Neo-América no contexto das migrações forçadas e da formação cultural.

O Caribe como metáfora e prefácio da criouliização é representado também pelo seu mar aberto, o qual vai indicar uma influência analógica ao pensamento que difrata e que leva e traz diversidade, já o mar Mediterrâneo busca o Uno e a concentração dos pensamentos. Glissant (2005) em sua obra deixa clara a importância de pensar sobre a história desastrosa desse pensamento único, cujo foco principal é a reafirmação geográfica e política de um território e do povo que o ocupa. O convite que o autor faz consiste em pensar o Caribe como uma metáfora para o mundo, pois o “mundo se criouliiza”. Assim não apenas o Caribe é um mar de diversidade, trânsitos, encontros e colisões, mas toda a extensão em que os seres humanos ocupam.

Para o autor, há semelhanças nas formações culturais e identitárias entre o Brasil e o Caribe. Afetados pela escravidão e todo o processo em que os escravizados eram expostos, como o afastamento de suas línguas, culturas, religiões, além da separação do trabalho de forma estratégica para não haver comunicação entre eles, Brasil e Caribe vivem uma “criouliização desequilibrada” (Glissant, 2005, p. 21). Partindo desse pressuposto, é caro ressaltar o extermínio aos povos indígenas, assim como as construções discursivas analisadas nesse estudo como uma forma de criouliização desequilibrada, já que o contato com o europeu é dado a partir dessas condições. Quer dizer, as identidades não são tratadas de forma igualitária, sem hierarquia, ou privilégios sociais entre si. Dessa

³ Conceito incorporado a partir da obra *Introdução a uma Poética da Diversidade*, de Édouard Glissant, em que o autor representa a mistura de diferentes culturas com as culturas africanas, fazendo parte da heterogeneidade cultural a “equivalência de valores” entre os povos, onde não é categorizado os costumes entre superior e inferior.

forma, são criados entre os contextos sociais e identitários vários conflitos estruturais em que a sociedade vai se formando e tendo como base.

A criouliização surge de forma inesperada, incontrolável e inexplicável. Ao ser entendida como um processo de mistura de culturas, identidades e línguas, é vista através de prismas distintos. Um deles levanta a questão do perigo da perda das identidades puras e únicas, e como a mistura, de certa forma, acaba por deixar o indivíduo perdido em si. Entretanto, ao adotar Glissant como guia para discutir certas questões, é facilmente notória a importância de se entender que a crença de uma identidade exclusiva parte de uma visão limitadora e problemática, ao passo que a recusa ao outro é historicamente geradora de preconceito, racismo, genocídio e guerra. Assim sendo, é um tanto quanto questionável a necessidade de buscar uma raiz identitária afirmadora de exclusividade em meio a problemas catastróficos historicamente gerados por essa visão de cultura.

Seguindo com as ideias de Glissant (2005), a língua e a linguagem são construtoras de novas visões do caos-mundo⁴. A primeira é a relação com as palavras e a segunda, o processo de produção de literatura e poesia, ambas possíveis pelas relações entre todas as línguas do mundo, ou seja, se os contatos culturais e linguísticos são interligados de forma total pela imprevisibilidade e circularidade dos encontros, enquanto escrevo em uma língua utilizo todas as outras conhecidas e desconhecidas para serem entendidas. A relação da totalidade-mundo é a responsável pela ligação de todas as línguas, entendendo a ligação com as palavras como uma conexão culturalmente interligada, pois a construção dos significados passa pelas relações tidas por todo mundo no todo-mundo⁵.

Como forma de sobrevivência os migrantes colocados em condições de “nudez cultural” fazem uso entre si dos “rastros/resíduos” presentes em cada um para se comunicarem linguística e culturalmente. O pensamento de resíduo é um processo de resistência em meio à destruição em massa das formas simbólicas de vida dos povos escravizados. A partir dos rastros e resíduos de cada um envolvido nessa construção de um imaginário, cria-se um pensamento novo e coletivo aos que tiveram suas vidas atravessadas por mortes simbólicas de si mesmos. A criouliização é o produto desses resíduos unidos e formados, essa se opõe a um pensamento de sistema, o qual propõe entender as identidades e o mundo de forma linear e controlável, e sendo concebível o rastreamento dos contatos. Ao lidar com as

⁴ Conceito utilizado por Glissant para representar os movimentos de choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos no mundo todo.

⁵ A referência ao conceito de “Todo-mundo” é discutida por Glissant para falar sobre a criação de um imaginário onde as culturas, identidades e povos se reconheçam como parte do todo, fazendo com o que os limites impostos as minorias sejam dissipados.

narrativas de viajantes europeus através de uma categoria como o amazonialismo, lido com o materialismo do pensamento de resíduo, pois une-se às formas de resistência em contraponto aos materiais de apagamentos vistos nessas e em muitas outras narrativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de Hemming, que citam os viajantes naturalistas Wallace, Humboldt, Spruce e Waterton, constituem um amplo campo de pesquisa voltado para a reflexão sobre as interpretações desses estudiosos em seus contextos temporais e geográficos. As narrativas escolhidas compartilham características similares, uma vez que todas, em suas análises, apresentam uma perspectiva limitadora do homem europeu em relação ao território amazônico. Essa limitação se manifesta tanto na racialização dos povos originários quanto na homogeneização do espaço, fauna e flora.

Além da constante afirmação da falta, presente nos lugares e nas pessoas que conheceram, suas experiências eram colocadas sempre acima de qualquer corpo, voz e paisagem. Pois a falta, o incômodo, o selvagem, citados pelos viajantes tinham como objetivo criar a dualidade da Amazônia: magnífica, mas faltosa.

A análise revelou a busca por uma quebra de contraste, mesmo quando envolvida por uma narrativa aparentemente positiva. Esse esforço visa cristalizar no imaginário dos leitores os atributos "desumanos", "selvagens" e "vazios" associados à região. As narrativas examinadas representam, assim, as leituras de naturalistas europeus que procuravam validar aquilo que, em sua maioria, já "sabiam" sobre os povos indígenas. Apesar dos contrastes negativos, as riquezas predominantes, conforme descritas, foram a fauna e a flora, refletindo-se nas extensas coleções de insetos e árvores que trouxeram consigo ao retornar para seus países de origem.

O contato com essas narrativas se faz presente pela importância destas na produção de novos imaginários sobre os sujeitos amazônicos. O narrar constrói a partir da narrativa já dada uma nova possibilidade de enxergar com os olhos do presente esse passado. Ainda as relações entre povos e tempos distintos cristalizam pensamentos racializadores que precisam ser acessados a partir do confronto possível entre o "já dito" e o "a ser criado". A linguagem constrói e desconstrói ao redor de sujeitos e sujeitas novos mundos, por isso, repensar a Amazônia a partir de rastros de resistência presentes em narrativas outras é uma forma de ressignificar espaços, tempos e corpos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. “Amazonialismo”. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. **Uwa’kürü**: Dicionário analítico. v. I. Rio Branco: Nepan, 2016.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HEMMING, John. **Árvores de rios**: a história da Amazônia. Tradução: André Luiz Alvarenga. Editora Senac: São Paulo, 2011.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio – imaginário e modernização. Tradução: Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, forma de olhar e de narrar**: natureza e história nas ausências. Rio Branco: Nepan, 2020.

SOUZA, João José Veras de. **Seringalidade**: o estado da Colonialidade na Amazônia e os condenados da floresta. Manaus: Valer, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1979.

Data de submissão: 27/01/2024

Data de aprovação: 09/04/2024